



# A DEFENSIVA

Pelo Ten.-Cel. Octavio Paranhos

Bases para o estabelecimento de um "Plano de organização de conjunto e ordem de execução dos trabalhos".

## 1 — As ordens na defensiva:

E' necessário convencer-mo-nos bem da seguinte idéia: não defendemos um terreno porque êle está organizado, mas, organizamos aquele que desejamos defender, porém pela maneira pela qual queremos defendê-los. Isto foi dito pelo Sr. Cel. Corbé, ex-diretor de estudos da E. A. O., numa das suas brilhantes aulas.

Portanto, numa situação defensiva é necessário, em primeiro lugar, determinar:

- |  |                                   |
|--|-----------------------------------|
| a) — que posição queremos defender;  | } Plano ou ordem de defesa        |
| b) — como faremos a sua defesa;  |                                   |
| 1.º — Como devemos organizar o terreno para melhor defendê-lo;   | } Plano de organização do terreno |
| 2.º — quais os trabalhos que precisamos realizar em primeiro lugar, levando em conta os meios e o tempo de que dispomos. |                                   |

**O plano de defesa:** — O plano (ou a ordem de defesa) é, antes de tudo, uma ordem tática onde o chefe indica como pretende **conduzir sua defesa**, isto é:

1.º — onde e como conta quebrar pelo fogo o ataque do inimigo.

2.º — quais as partes da frente que pretende retomar pelos contra-ataques, no caso do inimigo delas se apoderar.

Por consequência, êste plano indica:

- a) — a repartição dos meios .. { Plano de fogos de infantaria e artilharia
- b) — as missões ..... { Plano dos contra-ataques

Êste plano deve ser completado pela indicação dos trabalhos a executar afim de tornar a defesa mais eficaz, como também, mais fáceis os movimentos, principalmente para os contra-ataques.

A importância material do plano de organização do terreno, para os diversos escalões do comando, obriga-nos, em geral, a o anexar ao plano de defesa.

**Plano de organização do terreno:** — O plano de organização do terreno determina quais serão os trabalhos que necessitamos fazer para dar à defesa o seu máximo de eficiência. Geralmente não sabemos ao certo quando o inimigo nos atacará, portanto, é conveniente que aproveitemos todo o tempo que êle nos deixar para reforçarmos continuamente a nossa defesa.

Por consequência, o plano de organização do terreno deve prever o conjunto dos trabalhos a efetuar, porém dando-lhe uma ordem de urgência, que permita assegurar na organização do terreno:

1.º — a progressividade;

2.º — a continuidade.

O plano de organização do terreno é, por conseguinte, uma espécie de orçamento do conjunto dos trabalhos, no qual determinamos:

1.º — quais os trabalhos que queremos fazer;

2.º — quais os que julgamos mais urgentes, sem levar em grande conta o tempo, o material e a mão de obra necessários.

Êste plano é destinado a servir de guia, na execução dos trabalhos, seja para o próprio chefe que o estabeleceu, seja para aqueles que poderão ser chamados a lhe suceder.

A sua existência é o único meio de assegurar, em caso de substituição das unidades, a continuidade na organização.

**Ordens de execução:** — Tem por fim, como o seu título indica, de passar à realização — progressiva — de uma parte da organização prevista, isto é, dos trabalhos considerados como os mais urgentes.

Para estabelecê-los, à proporção das circunstâncias, precisamos contar com os três dados essenciais:

- O tempo;
- a mão de obra;
- o material;

e fixar em função dêstes dados:

- 1.º — quais os trabalhos cuja execução será ordenada para um período de N dias;
- 2.º — qual o pessoal incumbido de cada um deles;
- 3.º — qual o material de que disporá êste pessoal, etc. etc. . . .

Expostas estas primeiras idéias de conjunto, vejamos como podemos:

- 1.º — Estabelecer o plano de organização de conjunto para um centro de resistência;
- 2.º — Estabelecer a ordem de execução para um período de 8 dias, sendo suposto que um ataque inimigo só poderá ter lugar a partir do dia  $D + 8$ .

Admitamos que são conhecidas e precisadas as disposições em mão de obra e em material.

Para êste último trabalho (ordem de execução), precisamos levar em conta não só as realidades como as possibilidades. Assim, não é lógico prescrevermos para 8 dias a construção de abrigos subterrâneos, (abrigos para P. C., P. S., Observatórios, etc.), pois um semelhante abrigo não poderá estar terminado antes de 10 a 15 dias, qualquer que seja o efetivo que se lhe aplicar. Portanto não esquecer que, mesmo quando a engenharia executar praticamente êsses trabalhos, ha partes no abrigo que só 2 ou 3 homens podem, ao mesmo tempo, atacar o solo em galeria de minas, por quadros sucessórios, etc.

A ignorância das possibilidades é uma falta grave. E' melhor não dar uma ordem do que dar uma inexecutável.

## II — O plano de organização do terreno.

Como já definimos, êste plano diz respeito aos trabalhos que necessitamos elaborar para que a nossa defesa tenha o seu máximo de eficiência. Ora, êstes trabalhos visam: de um lado tornar o fogo da defesa mais potente, isto é, melhorar as suas condições materiais, de outro lado proteger contra o fogo do inimigo os elementos que têm de acionar o fogo da defesa.

Portanto, os trabalhos de que deve constar o plano de organização do terreno, são de um modo geral os seguintes:

- Obstáculos;
- Comunicações;
- coberta ou abrigo.

Todos muito bem estudados no nosso R.O.T., 1.º e 2.ª partes.

Porém, no plano de organização do terreno, um dos fatores mais importantes, é sem dúvida, a **ordem de urgência dos trabalhos**.

Devemos compreender o justo sentido a dar à ordem de urgência, e não procurarmos classificá-la matematicamente com um número de ordem, para os trabalhos a ser executados.

Quando dizemos "ordem de urgência num plano de conjunto de organização de um centro de resistência não se trata, evidentemente, de enumerar:

- 1.º — Obstáculos;
- 2.º — Comunicações;
- 3.º — Abrigos;
- 4.º — Transmissões;
- 5.º — etc., etc. —

porque isto não significa absolutamente nada.

Com efeito, iremos colocar os nossos sinaleiros, nossos telefonistas, nossos especialistas a assentar redes na frente de um ponto de apóio sob pretêxto que julgamos útil começarmos por estabelecer os obstáculos ?

Ou, empregarmos, pela mesma razão, os especialistas da engenharia no mesmo trabalho, descuidando-nos de começarmos os trabalhos de abrigos (observatórios ou outros), que demandam mais tempo, porque mesmo iniciados conjuntamente com as nossas redes provávelmente concluidos muito tempo depois ?

Evidentemente não.

Então, na prática, a ordem de urgência dos trabalhos, no plano de organização só se estabelece para os **trabalhos da mesma natureza**.

Ora, os trabalhos de organização do terreno, como já vimos, ingressam todos nas categorias seguintes:

- a) — Obstáculos;
- b) — Comunicações (normais e paralelas);
- c) — Abrigos (para pessoal, P.C., observatórios, P.S. material etc.);
- d) — transmissões.

E' então em cada uma destas categorias que temos necessidade de estabelecer uma ordem de urgência entre os trabalhos previstos porque, na prática, quando passamos à

execução, somos conduzidos, provavelmente, a iniciar ao mesmo tempo os trabalhos de cada categoria, pelas razões seguintes:

— em primeiro lugar, para fazermos trabalhar cada um segundo a sua especialidade;

— utilizar do melhor modo possível o material de que dispomos;

— em diversas circunstâncias, empregarmos as unidades de trabalhadores nas zonas ordenadas ou prováveis de estacionar, (necessidades táticas).

Sôbre uma posição, ou melhor num C. R., somos levados a empreender conjuntamente e desde o início:

- a instalação das armas;
- as transmissões e a observação;
- os abrigos;
- as redes;
- as paralelas;
- etc., etc.

Portanto a ordem de urgência só tem interêsse para comparar entre si os trabalhos da mesma natureza.

Mesmo quando a ordem de urgência está estabelecida para cada categoria se bem que sejamos mais ou menos obrigados a no início trabalharmos em todos, teremos sempre a possibilidade para determinados trabalhos, de acelerar a sua realização aplicando-lhe todo pessoal ou o material disponível.

Exemplo: Forçosamente vamos iniciar:

— os abrigos — com os sapadores;

— as linhas telefônicas, com o pessoal do pelotão de comando;

— Um P. C., ou melhor, um P. O., com os sapadores do Batalhão, etc. etc.

Porém, se temos um pessoal (Cia. de reserva, etc.) que podemos aplicar desde o comêço, seja assentando a rede de primeira urgência, seja cavando as primeiras normais, ao comandante do C. R. compete decidir qual o gênero de trabalho terá sua preferência.

Estabeleceremos assim, **mas só no momento da execução**, o porque é função das disponibilidades em pessoal e material, uma certa ordem de urgência entre as categorias dos trabalhos.

O parágrafo "ordem de urgência" do plano de organização do terreno pode, por consequência, ser concluído do seguinte modo:

## 1. CATEGORIA DE TRABALHOS — OBSTACULOS

Ordem de urgência	DEFINIÇÃO DO TRABALHO	FIM E PAPEL DO TRABALHO	Natureza do trabalho	Importância do trabalho	
				Pessoal	Material
1	Rede a O. da cota 40 desde o caminho que passa ao N. até a cerca de arame ao sul da cota.	a) — Cobrir o Pel. da Cia. do N; b) — Flanquear as metralhadoras do Morro A.	Rede baixa de 3 estacas	X Jornadas	N.º de T. de fio de arame. N.º de T. de estacas.
2	Rede a O. da cota 70.	etc.	etc.	etc.	etc.
3	Rede em tal parte	etc.	Duas sebes a 5 metros de distância	etc.	etc.

## 2. CATEGORIA DE TRABALHOS — ABRIGOS

1	Abrigo do morro B.	Observatório para o Cmt. da Atr. afim de ver todo o quarteirão.	Abrigo à prova do 155.	X Jornadas de Engenharia x Jornada de trabalhadores.	N.º de T. de madeira. N.º de T. de trilhos, etc.
1	No morro C No morro D	Para uma Sec. metralhadora P. atirando para Para uma Sec. de Mtr. L. flanqueando.	A prova do 75.	etc.	etc.
2	Na vertente NE. do morro C. Na vertente E. do morro M.	1 P. C. de Btl. 1 P. S. de Btl.	idem.	idem	idem

igualmente encarado como primeira urgência, pois dobra o valor da organização e aumenta a força do dispositivo dos fogos. Devemos esforçar-nos em ter uma rede contínua na frente da paralela principal, ao longo das normais, diante dos elementos da paralela de apôio.

Adaptaremos a construção do obstáculo ao terreno, utilizando as redes baixas, as redes normais, a sebe de arame, a rede de 3 estacas (4 metros de largura) etc. etc.

### 3.º — As comunicações:

Num centro de resistência, as normais vão formar uma espécie de rede nos permitindo disfarçar as nossas organizações de combate.

São indispensáveis principalmente nas partes mais avançadas dos pontos de apôio, porque os movimentos aí não podem ser feitos a descoberto.

Devemos prever, pelo menos, uma para cada ponto de apôio.

### 4.º — Transmissões:

Precisamos prever:

No P.C. do Btl. uma central telefônica.

No observatório um pôsto telefônico (abrigo no observatório).

Um pôsto ótico do Btl. etc., etc.

A construção das linhas telefônicas.

### 5.º — Coberta:

Desejamos ter, por exemplo:

Abrigos à prova para o observatório e para o P.C. do Btl.

Abrigos ligeiros	{	Cmts. de Cia. de 1.º escalão.
	}	Cmt. de Cia. de reserva.

Abrigos para as metralhadoras.

Para fixarmos melhor a nossa idéia vamos tomar um exemplo.

Suponhamos que 1 Btl. reforçado com 2 Seções Mtr. P. do R.I., tem por missão: impedir que o inimigo desemboçando do Realengo desborde a Vila Militar pelo Sul. Esse Btl. organizará e ocupará um C.R. que terá como limites

ao N. a via férrea da E.F.C.B. (exclusive) e ao Sul as montanhas, passando a orla exterior da posição de resistência pelos pés das vertentes O. das **cota 40** a O. do **Capão** e N. O. do **M<sup>o</sup> Ten. Acácio** — **cota 70** a S. O. do **M<sup>o</sup> Ten. Acácio** — garupa ao Sul da **cota 70**.

Depois do reconhecimento do terreno, do estudo acurado da situação tática e do estabelecimento do plano de fogo, o Cmt. do C. R. determinou que no seu quarteirão haverá 3 pontos de apôio sendo 2 de Cia. e 1 de Pel., 1 Cia. ocupará **cota 40, Morro do Capão** e movimento do terreno ao Sul, outra ocupará **M<sup>o</sup> Ten. Acácio** — **cota 46** N. O. e vertentes N. O. da **cota 70**, e 1 Pel. fecharia ao inimigo o desfiladeiro entre a **cota 70** e as montanhas.

Em seguida, o Cmt. do Btl. prepara o seu plano de organização do terreno. Vejamos o que poderá fazer em 8 dias êsse Cmt. do C. R., tendo ainda à sua disposição nos dias D e D + 1, 2 Cias. do Btl. reserva do R.I. e I Sec. de Engenharia de D a D + 8.

O que exigirá como material e como mão de obra?

**Nota:** — Tomamos para base dos nossos cálculos o quadro n. 1 da 1.<sup>a</sup> parte do regulamento francês para a organização do terreno, pág. 92.

Poderemos realizar um semelhante programa?

**Pessoal** — Necessitamos para isto que o Btl. disponha diariamente de 1.105 jornadas de trabalho.

Ora, o efetivo é o seguinte:

4 Cias. a 150 homens — 600 homens

1 Sec. de Empr. 50 homens — 50 homens

2 Cias de 150 homens — 300 homens, mas só nos dias D e D + 1.

---

Total 950 homens nos dias D e D + 1 e 650 nos demais. Vemos, portanto, que não podemos pedir todo êsse trabalho e temos de reduzi-lo.

Poderemos, por exemplo, para as metralhadoras leves, que dado o terreno podem fácilmente ser desenhadas das vistas do inimigo, fazer os seus abrigos não à prova e sim ligeiros como também, para uma das seções de metralhadoras pesadas. Reduziremos assim o número de abrigos ligeiros, que serão: 3 para as seções de metralhadoras, 3 dos Cmts. de ponto de apôio, 1 Cmt. de Cia. de reserva, 1 do Cmt. da C.M. e Mista, num total de 8 abrigos.

TRABALHOS EFETUAR	Desenvolvimento	Jornadas de trabalho	Pêso de Material	Observações
de na frente paralela prin-	1.200 12.000 m2.	600	48 T.	Nas partes essenciais.
paralelas a 30 mts. normais a profundidade.	3.600 ms. 700 ms.	440		Nas partes indispensaveis
transmissões	como	lembrança		
trabalhos durante 8 dias nos abrigos a pro- P. C. Obs. para Mtrs	8 abrigos	$\frac{8 \times 1200}{2}$ 4.800	$\frac{8 \times 25T}{2}$ 100 T	
abrigos ligeiros: C. de ponto de apoio. C. da Cia. reserva. C. da Cia. Mtr. fixta. dos Pels. em linha (1)	32 abrigos	$32 \times 50 =$ 1.600	$32 \times 10T =$ 320 T.	(1) 1 para cada G. C.
Total		8.340	468 T.	

Assim, o número de jornadas de trabalho será o seguinte:

$400 + 440 + 700 + 3.000 + 400 = 5.140$  o que necessita um efetivo de  $5.140 = 642$  ou 650 homens por dia.

Si levarmos em conta as indisponibilidades, o estado atmosférico, etc. precisamos reduzir ainda mais o nosso programa.

Como no caso que supomos temos ainda nos dias D e D. + 1, 2 Cias, como refôrço, poderemos empregá-las ou fazendo 12 abrigos ligeiros (para os Pels. mais expostos aos tiros da artilharia inimiga) ou fazendo rede nos pontos que temos mais urgência, pois podem fazer em dois dias quasi tôda a rede na frente da paralela principal. Isso ficará ao critério do Cmt. do Btl.

**Material:** Devemos pensar como transportar:

$48 + 62,5 + 80 = 23,78$  ou sejam 24 T, por dia.

---

8

O problema é possível se o escalão superior transportar todo êsse material até um depósito avançado, que poderá no nosso caso estar no morro do **Girante**.

Utilizaremos as viaturas do Btl. e todos os meios de fortuna encontrados no local para o transporte do material do depósito até os lugares onde vão ser empregados.

Está assim, em grosso, organizado o programa dos trabalhos.

Precisamos agora fazer a repartição das missões e dos trabalhadores.

a) — **Transmissões** — os especialistas do Btl. (telefonistas etc.) farão o seu trabalho especial, porém lhes será atribuído, pelo menos, 1 Pel. para auxiliá-los nos trabalhos de terraplanagem, etc.

b) — **Infantaria** — fará as normais, as trincheiras, as paralelas, as defesas acessórias, os abrigos. Cada Cia. será, em princípio, encarregada do seu ponto de apôio.

c) — **Engenharia** — abrigos para os observatórios e P. C. do Btl.

Para completarmos, devemos fixar o regimem do trabalho e sua duração.

Terminamos indicando um quadro minucioso dos trabalhos a serem feitos:

Dias;	UNIDADES						Regimento	Observações
	1. <sup>a</sup> Cla.	2. <sup>a</sup> Cla.	3. <sup>a</sup> Cla.	Cla. Metr. Mixta	Engenha- ria	Cias. do Btl. de reserva		
D.	2 abrigos ligeiros; 6 espaldões para F.M. etc.	—	—	—	—	—	Por tarefa	8 horas, do trabalho, das 6 ás 10 e das 12 ás 16 horas.
D <sub>1</sub> + 1 <sub>1</sub>	—	—	—	—	—	—		—
D <sub>1</sub> + 2 <sub>1</sub>	—	e			—			
Etc.								

NO NÚMERO DE SETEMBRO — “Idéias para a organiza-  
ção de uma lei de promoções no Exército em tempo de paz”  
Pelo General Castro Ayres